

SERÁ QUE “O PAÍS ESTÁ MELHOR” COMO AFIRMAM PASSOS COELHO E PAULO

PORTAS? – A verdadeira situação real do país

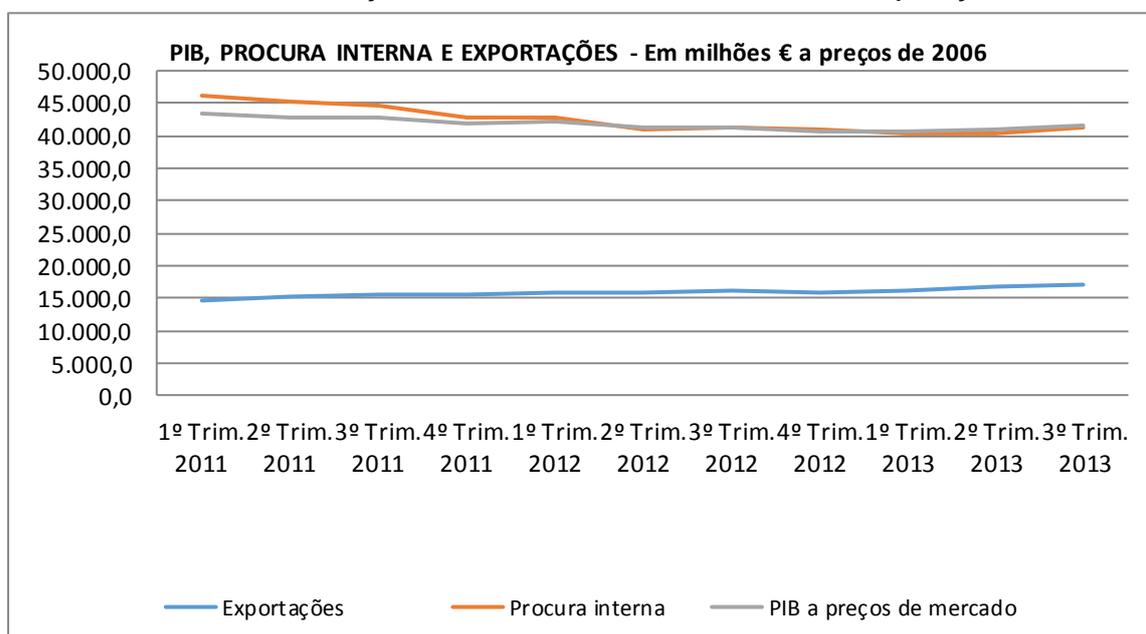
PARA REFLEXÃO DOS LEITORES a propósito da notícia divulgada pelos media de que Vitor Gaspar tinha sido contratado para o FMI pela diretora Lagarde, transcrevemos uma citação do prémio Nobel da economia Paul Krugman: “Se alguns deles terminar o mandato usufruindo de grande estima por parte do grupo de Davos (fórum mundial anual constituído pelos representantes dos grandes grupos económicos internacionais e pelos governantes dos maiores países) há uma infinita série de postos na Comissão Europeia, no FMI ou em organismos afins para os quais poderá ser elegível mesmo que seja desprezado pelos seus próprios conterrâneos. Aliás, ser desprezado seria de certa forma uma mais-valia”. Gaspar inicia as suas novas funções bem pagas já em Junho-2014 anunciaram também os órgãos de comunicação

Uma das “teclas” mais repetidas no congresso do PSD, particularmente por Passos Coelho, e depois pelos media, foi precisamente a de que “o país está melhor”. Paulo Portas, na conferencia de imprensa de 28-2-2014, sobre a 11ª avaliação da “troika”, também procurou “vender” a mesma mensagem. É evidente que está em curso uma gigantesca operação de propaganda do governo, com o apoio dos grandes media, e com a participação de muitos comentadores com acesso fácil ou instalados nos media, visando convencer a opinião pública, de que “o pior já passou”, e que a economia portuguesa já está numa fase de recuperação e crescimento (*o ministro da Economia, Pires de Lima, fala mesmo do “milagre económico”*). Para conseguir isso, manipulam-se previsões, empolam-se dados, e escondem os que não interessam, repetindo até à exaustão apenas o que interessa à propaganda oficial procurando assim reconstruir a realidade, e dando dela uma perceção que não tem nada a ver com a situação atual do país. São formas clássicas de engano e manipulação da opinião pública. É previsível que tal esforço de manipulação se acentue com o aproximar das eleições europeias. Por isso, interessa analisar com objetividade esta questão. É o que iremos fazer.

O CRESCIMENTO ANÉMICO DO PIB NOS ÚLTIMOS TRIMESTRES 2013 É FOI DEVIDO PRINCIPALMENTE À UM PEQUENO AUMENTO DA PROCURA INTERNA E NÃO DAS EXPORTAÇÕES

Um dos argumentos mais utilizados nesta campanha de manipulação da opinião pública é variação trimestral positiva do PIB verificada nos últimos trimestres de 2013. E isto apesar de em termos anuais, segundo o INE, o valor do PIB em 2013 ter sido inferior ao valor de 2012 em -1,4% (mais uma quebra, a somar às anteriores). Um aspeto importante que tem sido ignorado quer pela propaganda governamental quer pelos comentadores habituais dos media, é que essa variação positiva (+1,1% no 2º Trim.2012; +0,3% no 3º Trim.2012; e +0,5% no 4º Trim.2013, portanto, crescimentos anémicos) ter sido conseguida, não através do aumento das exportações, mas devido a uma pequena reanimação da procura interna, o que prova que a recuperação da economia e do país passa fundamentalmente pela recuperação do consumo e do investimento interno, e não pelas exportações como o governo e comentadores nos media têm procurado fazer crer. O gráfico 1, construído com dados do INE (CNP), mostra a correlação entre 3 variáveis macroeconómicas (PIB, exportações e procura interna) no período 1º Trim./2011/3º Trim.2013, ou seja nos últimos 3 anos

Gráfico 1- Correlação do PIB com a Procura Interna e com as exportações



O crescimento anémico do PIB nos últimos trimestres de 2013 foi devido à procura interna mas não às exportações

Como se rapidamente se conclui do gráfico 1, entre o 1º Trim.2001 e o 3º Trim.2013 a procura Interna diminuiu de uma forma contínua, o que determinou que, nesse período, o PIB tenha caído também de uma forma contínua. E isto apesar do aumento importante das exportações neste período. Só a partir do fim do 1º semestre de 2013, é que se verificou uma pequena recuperação da Procura Interna, o que determinou que a queda no PIB tenha parado, e se tenha verificado uma recuperação anémica (muito reduzida) do PIB. Se comparamos os valores do 1º Trim.2011 com os do 4º Trim.2012 divulgados pelo INE, o valor das exportações aumentou em 8,8%, o da Procura Interna diminuiu em 11,3% e o do PIB caiu em 6,2%. Se fizemos agora a mesma comparação, mas comparando os valores referentes ao 4º Trim.2012 com os do 3º Trim.2013 concluímos que, apesar do aumento das exportações ser menor (7,2%), como a Procura Interna cresceu em 1,2%, o valor do PIB do 3º Trimestre de 2013, a preços constantes, é já superior ao valor do PIB do 4º Trim.2012 em 2,5%. É evidente que a recuperação económica está muito mais dependente da Procura Interna do que da Procura externa, como a propaganda oficial pretende fazer crer. O próprio FMI, no seu relatório referente à 10ª avaliação reconhece isso, nos seguintes termos: “ A procura interna caiu 13% desde 2010 – com o consumo e investimento diminuindo 11% e 27% respetivamente – o que não foi suficientemente compensado pela contribuição das exportações líquidas. A inversão desta tendência, em que a procura interna no 2º e 3º trimestres de 2013 se expandiu, reforçou a contribuição das exportações líquidas induzindo um crescimento positivo” (pág. 5). E isto porque, segundo o INE, nos primeiros 3 trimestre de 2013 o rendimento líquido das famílias aumentou +0,7% (+668M€) relativamente a 2012, quando em período homólogo de 2012 tinha caído -3,9% (-3.955M€). No entanto, este crescimento económico anémico é precário como reconhece o próprio FMI que afirma: “Nos primeiros 10 meses de 2013, o aumento das exportações em 5% foi devido principalmente às exportações de combustíveis e, em menor extensão, à de serviços, pois o crescimento das exportações sem os combustíveis foi apenas de 1,5%” (pág. 6). Dados referentes a todo ano de 2013 do INE confirmam a fragilidade do aumento das exportações portuguesas (quadro 1).

Quadro 1 – Exportação Portuguesa de Bens em 2012 e 2013

ANO	EXPORTAÇÕES TOTAIS DE BENS - Milhões €	EXPORTAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS - Milhões €	EXPORTAÇÃO SEM COMBUSTÍVEIS- Milhões €
2012	45.257	3.590	41.666
2013	47.339	4.781	42.558
Variação %	+4,6%	+33,2%	+2,1%

FONTE: Comercio Internacional – Dezembro 2013 – INE

Segundo o INE, as exportações de bens em 2013 cresceram 4,6%, mas se retiramos os combustíveis o aumento, relativamente ao valor de 2012, foi apenas de 2,1%. Se tivermos presente que o aumento verificado nas exportações de combustíveis em 2013 - + 33,2% - é irrepetível em 2014 porque a capacidade de utilização da refinaria de Sines praticamente atingiu o seu máximo em 2013, facilmente se conclui da fragilidade da subida das exportações portuguesas de bens. Se juntarmos a isto, o facto de que o aumento de 7,7% verificado em 2013 a nível das exportações de serviços (em 2012 tinha diminuído 0,3%) tem como base fundamentalmente o turismo, e que a subida em 2013 se deveu principalmente ao desvio para Portugal de fluxos turísticos que tinham como destino países árabes devido à instabilidade verificada nessa região, a fragilidade das exportações portuguesas ainda se torna mais clara e o aumento das previsões em alta – 5,7% em 2014 - anunciada por Paulo Portas na conferencia de imprensa de 28-2-2014 ainda se torna mais duvidoso.

Enquanto, a nível das exportações o panorama real é o que se apresentou, a nível da Procura Interna, fundamental para recuperação económica do país, ainda mais importante devido às características e fragilidade das exportações portuguesas, a situação é preocupante resultante do facto do governo pretender fazer mais um corte brutal de 3.900 milhões € (corte na despesa de 3.100 milhões € o resto é aumento de impostos) em 2014, o que não deixará de ter efeitos desastrosos na Procura interna, com a elevada probabilidade de matar à nascença os indícios, ainda reduzidos e anémicos, da recuperação da economia verificados nos últimos trimestres de 2013. E se juntarmos a isto as novas exigências do FMI e da “troika” de novos cortes na despesa pública em 2015 (cerca de 2.000 milhões €) e nos anos seguintes que o governo prometeu à “troika” incluir no “Documento de Estratégia Orçamental 2014-2016”, rapidamente conclui-se que, se tal se concretizar, a retoma sustentada da economia portuguesa está muito longe daquilo que a propaganda governamental e os seus defensores nos media procuram fazer crer a opinião pública. Esta situação é ainda agravada por um endividamento brutal do Estado e do país que constitui um forte garrote a qualquer crescimento económico sustentado, como vamos provar.

O GARROTE DA DÍVIDA É AGORA MUITO MAIOR DO QUE HÁ 3 ANOS

Em todas os países em que foi imposta a política de austeridade recessiva as consequências foram um forte retrocesso económico e social, o agravamento das desigualdades, o disparar da dívida. Portugal não fugiu à regra. Neste estudo analisa-se apenas a dívida, utilizando-se os últimos dados divulgados pelo Banco de Portugal no seu Boletim Estatístico de Fev-2014,

Quadro 2 – Evolução da dívida do Estado, das empresas (não inclui bancos) e das famílias 2010/2013

ANO	Administrações Públicas Total (Central, Local e Regional)		Administrações Públicas - Ótica de Maastricht		EMPRESAS PRIVADAS (não inclui instituições financeiras)		PARTICULARES (Famílias)		TOTAL dívidas (soma das dívidas)
	% PIB	Milhões €	% PIB	Milhões €	% PIB	Milhões €	% PIB	Milhões €	Milhões €
dez/10	107,5%	185.844	94,0%	162.473	177,5%	306.772	103,1%	178.186	670.802
dez/11	125,3%	214.378	108,2%	185.241	179,9%	307.806	101,4%	173.577	695.761
dez/12	146,2%	241.405	124,1%	204.844	186,1%	307.216	100,6%	166.173	714.794
dez/13	153,1%	253.329	129,0%	213.390	184,0%	304.480	95,9%	158.604	716.413
Var.M€		67.485		50.917		-2.292		-19.582	45.611
Varição%	42,4%	36,3%	37,2%	31,3%	3,7%	-0,7%	-7,0%	-11,0%	6,8%

FONTE: Boletim Estatístico - Fevereiro de 2014 - Banco de Portugal

Nos últimos 3 anos, ou seja, com o governo PSD/CDS e “troika” que impuseram *uma política de austeridade recessiva permanente* a dívida pública aumentou 36,3% (+67.485 milhões €); a dívida das empresas (*não inclui as instituições financeiras*) diminuiu 0,7% (-2.292 milhões €), e a dívida dos particulares (famílias) reduziu-se em 11% (-19.582 milhões €). Se somarmos estas dívidas existentes em 31-12-2013 obtém-se 716.413 milhões €, ou seja, mais 45.611 milhões € do que no fim de 2010, e é superior a quatro vezes o PIB português.

O ENDIVIDAMENTO EXTERNO EXPLODIU COM A POLÍTICA DE AUSTERIDADE RECESSIVA

O quadro 3 (dados do Banco de Portugal) mostra a parcela da dívida financiada externamente

Quadro 3 – Evolução da dívida financiada no exterior no período 2010/2013

ANO	Administrações Públicas	EMPRESAS PRIVADAS (não inclui instituições financeiras)	PARTICULARES (Famílias)	TOTAL dívidas (soma das dívidas)
	Milhões €	Milhões €	Milhões €	Milhões €
dez/10	103.140	43.873	553	147.566
dez/11	122.930	48.625	562	172.117
dez/12	135.284	57.467	558	193.309
dez/13	141.854	62.909	548	205.311
Var.M€	38.714	19.036	-5	57.745
Varição%	37,5%	43,4%	-0,9%	39,1%

FONTE: Boletim Estatístico - Fevereiro de 2014 - Banco de Portugal

Em 3 anos de governo PSD/CDS, de “troika” e de política de austeridade recessiva, a parcela da dívida do Estado, das empresas e dos particulares financiada externamente aumentou 39,1% (+57.745 milhões €). Mas esta análise do endividamento do país ao estrangeiro ainda não ficaria completa sem apresentar um quadro global da situação de Portugal (quadro 4)

Quadro 4 – Dívida de Portugal ao estrangeiro – Período 2010/2013

ANO	DÍVIDA LÍQUIDA DO PAÍS AO ESTRANGEIRO Posição do Investimento Internacional (Ativo-Passivo)	DÍVIDA BRUTA DO PAÍS AO ESTRANGEIRO (Passivo)	DÍVIDA BRUTA DAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS AO ESTRANGEIRO (Passivo)
	Milhões €	Milhões €	Milhões €
dez/10	185.221	507.102	174.071
dez/11	179.406	472.980	138.181
dez/12	191.716	479.586	113.392
dez/13	196.643	468.915	94.861

FONTE: Boletim Estatístico - Fevereiro de 2014 - Banco de Portugal

Apesar do “*reequilíbrio das contas externas*” tão apregoado pelo governo. pelos seus defensores, e pela “troika” apresentado como o “*milagre da consolidação orçamental*”, o certo é que a dívida líquida (Ativo-Passivo) do país não melhorou, pelo contrário até se agravou (+11.421 milhões €). Portugal termina o “*período da troika*” com uma dívida que não é sustentável nem possível de ser paga, e que é um autêntico garrote a uma política de desenvolvimento (*basta ter presente que uma dívida do Estado 253.329 milhões €, a uma taxa de 4,5% corresponde a 11.399,8 milhões € por ano só de juros, mais 50% do que o valor atual*). E Passos Coelho ainda tem a desfaçatez de dizer que “*estamos melhor do que há 2 anos*”

Eugénio Rosa – Economista – edr2@netcabo.pt – 3-2-2014